



Ecologia política urbana: um ensaio sobre uma rede de possibilidades com resíduos sólidos e agroecologia em São Gonçalo-RJ

Urban political ecology: an essay on a network of possibilities with solid waste and agroecology in São Gonçalo-RJ.

CORDEIRO, Rafael¹.

¹ PPGEU-UERJ, rgcdc@hotmail.com

RESUMO TÉCNICO-CIENTÍFICO

Eixo Temático: Agriculturas Urbanas

Resumo: Este trabalho é parte de um estudo referente ao município de São Gonçalo – RJ, onde, dentre outras experiências, acompanhamos o projeto *Favela Lixo Zero*, que busca engajar moradores da Comunidade do Zumbi sobre possibilidades no aproveitamento de resíduos domésticos. O objetivo é utilizar esta experiência como um aporte prático para ampliar o alcance da compostagem e da reciclagem como processos geradores de recursos. O produto gerado pela compostagem dá início à construção de hortas comunitárias, espalhadas em espaços abandonados pela comunidade, que por sua vez, funcionam como catalisadores comunitários para geração de renda através da produção de alimentos, assim como resgatam o sentido identitário coletivo. A metodologia utilizada no processo foi o Diagnóstico Sócio Ambiental Participativo (DSAP), a Jornada de Resíduos Sólidos e Mutirões realizados quinzenalmente junto à comunidade. Como primeiros resultados, podemos conferir, dentre outros fatores, a melhora na qualidade ambiental e a introdução de alimentos saudáveis entre as famílias participantes do projeto, além da geração de saberes úteis aos projetos, oriundos das práticas das próprias famílias.

Palavras-chave: compostagem; resíduos; hortas comunitárias; alimentação.

Introdução

Este breve ensaio refere-se a parte da tese de doutoramento intitulada “Movimentos Sociais e Ecologia Política: um estudo referente ao município de São Gonçalo – RJ”, onde, através de uma pesquisa-ação-militante, pudemos atuar tanto na construção de projetos quanto na sistematização dos conhecimentos gerados pelas experiências concretizadas durante a pesquisa. No que se refere ao eixo temático *Agriculturas Urbanas*, buscamos apresentar aqui o *Projeto Favela Lixo Zero*, concebido e executado em conjunto entre o Movimento São Gonçalo Vale a Luta! e a Comunidade do Zumbi, através de sua associação de moradores e do Projeto Lutadores da Fé. Neste projeto, buscamos construir ferramentas para a produção de alimentos sem uso de agrotóxicos, em escala comunitária, utilizando saberes da própria comunidade, oriundos muitas vezes de suas vivências com seus ancestrais. De acordo com Assis

a agroecologia é considerada especialmente apropriada para o entorno urbano, posto que sistemas de produção orgânicos com foco agroecológico caracterizam-se como um instrumento interessante para viabilização da agricultura em pequena escala, em regime de administração familiar, tanto em sistemas de parcelas individuais como em explorações associativas,



posto que a baixa dependência de insumos externos facilita a adoção dessa forma de produção por esse tipo de agricultor (ASSIS, 2004).

Ao agregar valor aos produtos e ampliar o mercado, facilitando a comercialização, os sistemas agrícolas com enfoque agroecológico conduzidos por manejo orgânico possibilitam aumento de renda para as famílias. Ademais, há a capacidade de manter ou recuperar a biodiversidade dos agroecossistemas e seu entorno, onde em contextos favelizados acaba por apresentar degradação e riscos de ocupação. Em ocupações de encostas, os sistemas agroecológicos oferecem maior estabilidade ao mesmo tempo que produzem mercadorias de alto valor nutricional, possibilitando uma maior integração entre os sujeitos e seus ambientes. Nesse sentido a sistematização dos saberes gerados nesta experiência podem contribuir também para o âmbito científico da Agroecologia, visto que esta busca, na Ecologia e no Diálogo de Saberes (SANTOS,2011; MIGNOLO, 2013), ampliar seu estatuto epistêmico a partir de conhecimentos periféricos.

O que compreendemos como ecologia política urbana é a atuação de indivíduos e grupos sociais oriundos do contexto urbano, mormente periféricos, para equalizar o acesso a um ambiente livre de riscos e que ao mesmo tempo proporcione o bem viver das comunidades que o habitam. É como o pretendido por Acosta (2015), quando advoga pela compreensão da natureza e seus recursos como bens comuns, podendo ser acessados por todos de forma equilibrada e devendo ser preservado por todos de modo a garantir a segurança ambiental das gerações futuras. É uma luta aprioristicamente anticapitalista, pois questiona o sistema de distribuição de bens e recursos, assim como se forja na luta concreta pela redução dos danos da exploração industrial dos recursos e dos territórios das comunidades localizadas em áreas urbanas de pouco interesse social por parte dos poderes públicos.

O *Projeto Favela Lixo Zero* foi elaborado diante de uma demanda da Comunidade do Zumbi, cuja problemática estava em torno da subutilização de espaços na comunidade, aos quais seus fluxos estavam direcionados ao descarte inadequado de lixo e ao consumo e tráfico de drogas. O Movimento São Gonçalo Vale a Luta! quando procurado pelas lideranças comunitárias, apresentou a possibilidade de transformar alguns destes espaços em espaços de tratamento de resíduos orgânicos e hortas comunitárias, o que foi recebido com grande entusiasmo.

Metodologia

A pesquisa é produzida a partir de uma pesquisa-ação-militante, onde o sujeito que a escreve, não escreve só. Necessita de uma escuta atenta aos múltiplos sujeitos envolvidos no processo. É a partir da participação no processo real e material que a pesquisa caminha, mas há a inclusão de um sentido de retorno, onde o sujeito-pesquisador é também militante no processo de construção material do objeto de sua pesquisa. Os múltiplos sujeitos militantes constroem, juntos, as ações que dão vida e sentido aos espaços que vêm sendo produzidos. Estes, servem à análise, de modo que, impactado pelo processo de produção dos espaços, não é possível ser imparcial.



É, portanto, uma pesquisa produzida *a partir* de seu objeto, e não *sobre* o objeto, que é o movimento social, recortado, apenas para fins de análise, e sistematizado enquanto conhecimento pelos sujeitos que o compõem. Neste breve ensaio, o Projeto Favela Lixo Zero, suas potencialidades, limites e resultados serão nosso enfoque.

O projeto foi, então, dividido em três etapas, sendo a primeira *mobilização e diagnóstico*, onde o papel das lideranças comunitárias foi crucial para convocar as famílias a participarem do projeto, e também para compreendermos os lugares mais favoráveis, dentre uma série de fatores, na comunidade, para a execução do projeto; a segunda *preparação e capacitação*, na qual a busca foi a conscientização acerca da problemática do território e das possibilidades reais dos resíduos sólidos a partir da construção de uma outra perspectiva sobre o tema; a terceira *realização*, onde o projeto se movimenta na realidade das pessoas, interferindo em seus cotidianos e demandando trabalho coletivo para sua eficiência no território.

Sendo assim, foi estabelecido em conjunto que a estratégia para executar o projeto com maior eficiência era, antes, necessário que pudéssemos engajar um número mínimo de famílias em torno da problemática e das soluções. Após um período de adaptação, mais famílias poderiam ser incorporadas. O Movimento São Gonçalo Vale a Luta! atua oferecendo Consultoria Popular, disponibilizando saberes técnicos e braços executores ao projeto. As lideranças comunitárias atuam como mobilizadoras e motivadoras cotidianas, enquanto as famílias não são apenas beneficiárias, mas fontes primárias dos conhecimentos empregados no processo, que é desenhado e executado com uso das particularidades de cada território.

O projeto é dividido em 4 esferas de realização, sendo a primeira, realizada por cada família individualmente, em suas residências, a *separação e armazenamento*: é o simples ato de separar os resíduos orgânicos e não-orgânicos e armazenar os primeiros no recipiente fornecido pelo projeto, com coleta e troca de recipiente realizadas semanalmente. A segunda esfera é a do *tratamento*: utilizando a técnica milenar da compostagem, os resíduos são tratados em *leiras*, mantidas nos espaços previamente selecionados na comunidade, para tratamento por cerca de quarenta e cinco dias. Todo o trabalho empregado no processo de coleta e manutenção dos recipientes é executado por famílias envolvidas no projeto, intercaladas e em regime de autogestão.

A terceira esfera de realização do projeto é a *distribuição* do material gerado no processo de compostagem, cuja utilização fica a cargo de cada família, de acordo com suas possibilidades e necessidades. Anteriormente, na triagem das famílias para participação do projeto, é apresentada a motivação para a produção de alimentos, o que atrai muitas famílias que já o fazem, para subsistência e em escala reduzida, utilizando seus próprios quintais e canteiros domésticos.



Na quarta esfera do projeto Favela Lixo Zero, as famílias se comprometem com a *socialização* de seus saberes e trabalhos, em prol de produzir e manter uma horta comunitária, no intuito de criar algo para além de um espaço de cultivo de alimentos. Mas criar um espaço democrático, onde resida uma miríade de saberes e perspectivas sobre o destino dos produtos cultivados, como uma espécie de laboratório vivo, sem hierarquias e que também seja um espaço de trocas de conhecimentos e outros produtos, fomentando, assim, uma microeconomia criativa.

Resultados e Discussão

Diante de um projeto iniciado em janeiro de 2022, temos alguns resultados intermediários, que revelam sobretudo a multiescalaridade de um projeto desenvolvido de forma comunitária. É sabido que, mesmo com um planejamento territorial seguido com rigor, muitos desvios ocorrem. E que as singularidades de cada território influenciam, modificam e remodelam as ações coletivas desenvolvidas ali, pois projetos realizados horizontalmente permitem e acolhem estas modificações, para permitir que as ações ganhem sentido e significado dentro da comunidade em que se desenvolvem.

O caso do Projeto Favela Lixo Zero, onde foram desenvolvidas as atividades programadas, extrapolou os limites de sua concepção, abrindo outros caminhos de possibilidades para sua condução e expansão. Os espaços utilizados nos primeiros esforços coletivos acabaram por se tornar espaços de trocas e convivências, levadas pela própria comunidade à construção de um modelo de expansão do que vem sendo visto como um modelo de negócio coletivo, autogestionado, voltado à preservação dos saberes e do ambiente da comunidade, à geração de renda coletiva e da promoção da saúde, através da gestão adequada dos resíduos sólidos, da produção orgânica de alimentos, da autonomia sobre o trabalho comunitário e da formação de um circuito espiral de economia criativa.

Os saberes que emergem desta experiência situam-se em vários âmbitos, mas a maneira de lidar com os cultivos, interpretando seus ciclos conjuntos e combinações, visando sempre o consumo humano, figura entre os principais ganhos. A forma de lidar com a terra, o manejo dos resíduos orgânicos, a periodicidade para a adubação e sobretudo a organização coletiva do trabalho com as hortas, foram todos discutidos e sistematizados à luz das práticas já existentes entre as famílias em seus quintais e canteiros. Fato este que contribuiu para atrair mais famílias para o projeto, quando estas percebem-no como algo acessível e um espaço para a manutenção e expansão de seus próprios saberes.

Assim sendo, ao longo de pouco mais de um ano de projeto, temos 22 famílias participantes, tendo iniciado com 10. São dois os espaços em funcionamento na Comunidade do Zumbi, tendo um deles, antes do projeto, servido como espaço de tráfico e consumo de drogas, à luz do dia ou da noite. O segundo espaço era utilizado como um depósito irregular de lixo, onde muitas pessoas da comunidade



despejavam seus resíduos domésticos sem qualquer tratamento ou discriminação, atraindo vetores de doenças.

Estes dois espaços, hoje, funcionam com leiras de compostagem – quatro em cada terreno, onde são tratados os resíduos orgânicos entregues pelas famílias participantes do projeto, além de hortas, produzindo excedentes que são distribuídos entre as famílias e também para a comunidade.

É importante salientar que nestes espaços se consolidam a ecologia e o diálogo de saberes, aos quais contribuem ao fazer científico do pesquisador, cuja função, além da participação nos mutirões de manejo dos terrenos e no eventos do projeto, é sistematizar os conhecimentos aplicados no cotidiano do projeto e da comunidade em relação ao tratamento de resíduos, seja incorporando novas técnicas ou materiais, ou no cultivo de alimentos, cujos saberes trazidos pelos moradores, muitas vezes herdados de seus ancestrais, é o que faz o projeto despontar e engajar mais pessoas.

O tensionamento que ocorre no diálogo de saberes acaba por fomentar grandes reflexões acerca dos cânones acadêmicos, que apenas dão visibilidade a conhecimentos que passam pelo escrutínio científico. Estes, muitas vezes ignoram e até mesmo apropriam-se de práticas e saberes que tem suas origens no uso ancestral da terra e dos recursos, produzidos historicamente por comunidades cuja identidade é subsumida pelos ritmos do sistema capitalista.

O pulo escalar que o projeto vem alcançando é resultado de um esforço das próprias famílias em articular a sua produção de composto orgânico – um adubo de alta qualidade – à produção rural na cidade de São Gonçalo. O município conta com apenas uma feira de produtos orgânicos, semanalmente, no bairro Centro. É onde alguns moradores levam produtos como banana, manga e adubo ensacado para vender e complementar sua renda. Há, no entanto, uma aproximação entre outros produtores rurais da cidade e as famílias do projeto que é mediada pela troca do composto por alimentos, o que tem sido vantajoso para ambas as partes.

Este embrião vem sendo refletido e desenhado como um projeto em economia criativa, que pode possibilitar sua expansão e também sua replicação em outros contextos semelhantes, articulando uma produção em agriculturas urbanas e o meio rural da cidade, com possibilidade de fortalecimento mútuo. O engajamento de um número crescente de famílias leva também a um debate público mais caloroso e amplificado, o que coloca o projeto como uma referência no debate sobre políticas públicas em agricultura urbana em São Gonçalo. A criação de uma rede de comunicação e cooperação em economia solidária no município já existe, e vem sendo alimentada e dinamizada com ajuda do Movimento São Gonçalo Vale a Luta!

Conclusões

Diante das andanças e desvios do Projeto Favela Lixo Zero, concluímos que ainda há muito o que caminhar e aprender, visto que o projeto comunitário aglutina novos



personagens e novas perspectivas de acordo com as articulações que vão sendo tecidas pelas ações coletivas. É a partir das dinâmicas das pessoas engajadas que a ação vai sendo (re)desenhada e (des)envolvida. São caminhos que só se fazem caminhando. O projeto que se propõe a ocupar espaços abandonados em comunidades para tratamento adequado de resíduos e produção orgânica de alimentos vai sendo ampliado à troca de experiências, saberes e renda, a partir da ressignificação de experiências coletivas e (re)construção identitária a partir dos territórios. O movimento social atua enquanto coadjuvante no processo, disponibilizando saberes técnicos e específicos, porém adquirindo outros saberes que não se encontram entre os cânones acadêmicos. Assim, é tecida uma rede de cooperação onde os benefícios são múltiplos.

Os desafios enfrentados durante a construção coletiva são inúmeros, e devem ser também sistematizados, a fim de que se tornem fontes de aprendizados nas eventuais tentativas de replicação das ações coletivas. O Poder Público, ator que pode e deve contribuir com incentivos às ações que beneficiam a sociedade e o ambiente, vem isentando-se de seu papel, mas é enxergado como um potencial aliado nas ações, fomentando, incentivando e apoiando as ações coletivas, tornando-as políticas públicas para contemplar uma maior parte da sociedade.

Referências bibliográficas

ACOSTA, A. O bem viver: uma oportunidade para pensar em outros mundos. 2º reimpressão. São Paulo: Ed. Elefante, 2015.

ASSIS, R. L. de. Agroecologia: diferentes entendimentos e encaminhamentos a partir de uma abordagem histórica. In: ARAÚJO, J. B. S.; FONSECA, M. F. de A. C. (Ed.). Agroecologia e Agricultura orgânica: cenários, atores, limites e desafios – uma contribuição do CONSEPA. Vitória: CONSEPA, 2004. p. 23-45.

MIGNOLO, Walter. Histórias Globais projetos Locais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

SANTOS, B.S. Epistemologías del Sur. Utopía y Praxis Latinoamericana / Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social. Año 16. N° 54 (Julio-Septiembre, 2011)